XX IASP WORLD CONFERENCE ON SCIENCE AND TECHNOLOGY PARKS

June 1-4, 2003 - Lisbon, Portugal

GESTÃO E PROMOÇÃO DA INOVAÇÃO

EDUARDO MARÇAL GRILO

Director of the Calouste Gulbenkian Foundation

Member of the International commission of the Council for Higher Education Accreditation – USA

Former Chairman of the National Board of Education

Former Minister of Education of the XI Constitutional Government

O Mundo Global, ou em processo acelerado de Globalização, em que vivemos, é um Mundo caracterizado por uma intensa integração dos mercados financeiros, por um alargamento sucessivo dos espaços económicos e por uma deslocalização intensa dos centros de produção. Porém, a característica mais marcante deste mundo Globalizado é a autêntica explosão que se tem verificado no campo da Inovação que tem conduzido ao aparecimento e lançamento no mercado de novos produtos, novos serviços e novas oportunidades para todos os consumidores que, à medida que o tempo decorre, se vão tornando mais acessíveis, menos dispendiosos e de maior qualidade.

Inovar é neste mundo Moderno e Globalizado uma palavra chave que traduz um conceito e um contexto de mudança em que vivem as organizações e os indivíduos mas que assenta num conjunto de pressupostos que importa analisar e sobre os quais devemos reflectir aprofundadamente.

Não basta afirmar que a inovação é um factor muito relevante para aumentar a competitividade ou que a inovação é o factor determinante da dinâmica dos mercados ou que só através da inovação se consegue o desenvolvimento de mais e de melhores produtos e serviços de que a maioria dos cidadãos pode usufruir.

A inovação é sobretudo uma atitude e um comportamento subjacente às organizações e àqueles que as servem, sejam estas estruturas estatais ou empresas privadas, grupos multinacionais ou pequenas unidades, empresas de serviços ou companhias de distribuição, escolas ou unidades de saúde, universidades ou centros de investigação científica.

O desafio que em muitos dos nossos países temos pela frente é, por um lado, o de modificar os nossos modelos de desenvolvimento tornando-os menos dependentes dos recursos financeiros e das matérias primas e muito mais induzidos pelo conhecimento, pela tecnologia e pelo Know-how, e por outro, o de desenvolver e consolidar na sociedade e nos cidadãos uma cultura de inovação, baseada numa atitude que permita a mudança e induza um espírito de competitividade, um gosto pelo risco e uma aposta num futuro diferente e melhor.

A inovação e a consolidação de uma cultura a esta associada, implicam, no entanto, que aos diferentes níveis sejam assumidas políticas e tomadas medidas pelos diferentes actores envolvidos nos processos de educação, de formação e de pesquisa científica, que apontem no sentido de modificar alguns dos comportamentos e das atitudes que se mantêm prevalentes em muitas das nossas sociedades.

Neste contexto pode-se dizer que uma política de inovação ou seja uma política que vise tornar os indivíduos e as organizações actores de um processo de mudança assenta essencialmente em quatro pilares fundamentais: A Educação de Base dos Jovens; A Formação ao Longo da Vida; Uma Universidade com Sentido Estratégico; e, Um Sistema Científico de Qualidade.

1 – A EDUCAÇÃO DE BASE DOS JOVENS

Na Educação de Base, nomeadamente na escolaridade obrigatória que, como se sabe, se vai estendendo na maior parte dos países até abranger os jovens com idades até aos 18 anos, o núcleo central das aprendizagens vai seguramente continuar a incluir áreas fundamentais do saber como o estudo e o aperfeiçoamento da língua materna, a matemática e o raciocínio lógico, a aprendizagem das línguas estrangeiras, o conhecimento do mundo e da natureza, a interpretação da História ou os fenómenos físicos, mas é na área do chamado “currículum informal” ou “currículum escondido” que residem os aspectos mais sensíveis da formação dos jovens. O gosto de aprender, o prazer da leitura, o sentido do novo e do experimental ou o desenvolvimento dos comportamentos e atitudes que vão pela vida fora marcar os modos de ser, de estar e de fazer, constituem, em nossa opinião, os aspectos essenciais e mais determinantes do processo de formação de base do jovem em idade escolar. Não porque seja a Escola a única estrutura organizada onde se adquirem o sentido do dever e da responsabilidade, a autonomia, o gosto pelo risco, a capacidade de iniciativa, a liderança, o espírito empreendedor, ou uma atitude de exigência e rigor, mas porque para a criança e o adolescente a vivência da escola é, fora da família, o factor determinante do desenvolvimento de cada um tendo em vista a sua realização pessoal e a sua participação no processo de construção colectivo em que todos estamos envolvidos.

Refira-se, no entanto, que o modo como se adquirem na escola certos comportamentos e atitudes não faz seguramente parte do conteúdo de uma matéria específica ou de uma determinada área curricular. Ao contrário o jovem pode adquirir ao longo da sua carreira escolar uma certa forma de ser, de estar e de actuar através das mais diversas práticas e metodologias que a escola pode adoptar de um modo transversal em todas as actividades que integram o projecto da escola sejam aulas, projectos ou programas extra-escolares.

Nesta perspectiva, a dinâmica transmitida à escola pelos seus responsáveis é de importância maior e constitui seguramente um dos factores essenciais para o sucesso de uma estratégia que tenha como objectivo criar uma “cultura” de inovação a que estão directamente associadas algumas das “capacidades habilitantes” atrás enunciadas, nomeadamente o gosto pelo risco, a liderança, o espírito de iniciativa e o sentido da responsabilidade.

Apostar na Inovação e criar condições para que a Inovação seja um vector com impacto real, não apenas na actividade económica e nos mercados, mas também na produção cultural e artística e na actuação das organizações e dos indivíduos, passa necessariamente por uma formação inicial dos jovens que tenha esta mesma preocupação com um clima de mudança embora, também o queira afirmar, este espírito não possa nem deva pôr em causa uma outra preocupação principal relacionada com a estabilidade das instituições, nomeadamente as escolas que são ainda as instituições que, para muitos, constituem a estrutura principal onde se processa a sociabilização e a integração dos jovens na sociedade a que pertencem.

Não podemos esquecer que a família é a unidade fundamental responsável pela educação dos mais novos onde se transmitem os valores e onde se ganha o sentido da

Vida, mas a Família sofreu nas últimas décadas um processo de desestruturação que muito afectou o seu papel ao mesmo tempo que muitos pais, infelizmente, abdicaram de educar os seus próprios filhos entregando-os, de forma comodista ou pressionados pelo stress da sua vida profissional, à escola e aos seus professores, que manifestamente têm as maiores dificuldades em lidar com crianças e adolescentes que lhes trazem problemas para os quais não estão nem foram preparados.

A estabilidade da escola é, neste contexto, um factor que importa preservar e consolidar numa lógica que compatibilize por um lado, o espírito de mudança e por outro, o sentido de equilíbrio emocional de todos aqueles que necessitam de uma escola assente numa base sólida de valores e de princípios.

2 – A FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA

Se uma formação de base de qualidade constitui o primeiro pilar de uma estratégia que visa a consolidação de uma cultura de inovação, a criação de estruturas e de instrumentos que proporcionem ao maior número, oportunidades de aprendizagem e formação ao longo da vida, constitui certamente o segundo mais forte pilar desta mesma estratégia.

Não basta hoje obter um diploma, um grau, ou uma boa formação de base ou profissional se, cada indivíduo ao longo da sua carreira profissional, não tiver, por um lado, o interesse e o gosto pelo conhecimento e pelos saberes e se, por outro esse profissional não tiver acesso a acções de formação formais ou informais que lhe proporcionam um aperfeiçoamento dos seus conhecimentos e das suas capacidades.

É neste sentido que se quer chamar a atenção para a importância que deve ser atribuída a estas acções de formação ao longo da vida que devem fazer parte integrante tanto dos planos de actividade das empresas e das organizações como dos indivíduos enquanto profissionais e ainda das instituições escolares, sejam estas escolas básicas, secundárias, profissionais, Universitárias ou Politécnicas. O mais importante, no entanto, prende-se com o modo como reage e actua cada um dos três seguintes protagonistas do processo – o indivíduo enquanto cidadão e enquanto profissional, o empregador que é normalmente uma empresa ou uma organização, seja esta pública ou privada, e as instituições de formação. O primeiro, deve ter como preocupação a sua valorização pessoal e profissional o que o leva, se tiver nisso gosto e interesse, a tentar encontrar os instrumentos (que podem ser p.ex.a Internet, um CD-Rom ou mesmo os clássicos livros) e as instituições que lhe proporcionem acções de formação; o segundo que tem a obrigação de qualificar os recursos humanos da empresa, deve estabelecer incentivos que valorizem as formações adquiridas; enquanto, os últimos, mais concretamente as instituições de formação, devem ser capazes de responder à procura externa e incluir nos seus Planos de Actividade uma componente forte dedicada a programas, projectos e iniciativas no campo da formação dedicada a profissionais, seja para satisfazer procuras individualizadas ou acordos estabelecidos com empresas e outras estruturas organizativas.

3 – UMA UNIVERSIDADE COM SENTIDO ESTRATÉGICO

O contexto da inovação na perspectiva de se consolidar, numa determinada sociedade um clima de inovação e mudança, representa para a Universidade um desafio, que não é novo, mas que se apresenta com características diferentes em relação ao que ocorria há umas décadas atrás. De facto, a Universidade como centro de cultura, como entidade produtora de conhecimentos e como instituição capaz de divulgar de uma forma organizada e sistemática esse mesmo conhecimento, constitui um instrumento privilegiado para a criação e disseminação, não apenas de um espírito de inovação e mudança, mas sobretudo para a consolidação de uma cultura científica assente no rigor, na procura, na dúvida sistemática, na experimentação, na validação de resultados e no debate de ideias.

Não se inova através de actos voluntaristas ou de gestos audaciosos sem objectivos bem definidos, sem preparação cuidadosa, sem “appraisal” do projecto ou sem análise dos riscos e benefícios.

A inovação é o resultado de uma vontade de mudar mas é igualmente o corolário de um trabalho desenvolvido com base nos saberes, no conhecimento científico, nas tecnologias e em sistemas de gestão que requerem muitas vezes um envolvimento das instituições de formação ao mais alto nível, nomeadamente das Universidades e das instituições de pesquisa científica.

No caso europeu, parece-nos importante referir que a constituição de um Espaço Europeu de Ensino Superior, onde as Universidades assumam um papel de relevo, representará um passo determinante para o alargamento das redes do Conhecimento e Inovação já existentes e que são a base em que deve assentar a competitividade das nossas empresas e dos nossos produtos. Refira-se, no entanto, que este papel das Universidades será fortemente enriquecido se, por um lado, for possível garantir uma grande diversificação dos modelos organizativos das instituições universitárias que integram o espaço europeu e, por outro, se forem combatidas algumas tentativas de uniformização de projectos e de objectivos uma vez que, em nossa opinião, o que é diferente deve ser tratado de forma diferente e que a grande riqueza da Europa é a sua diversidade cultural e linguística.

Os novos desafios que a Universidade enfrenta neste limiar do sec. XXI impõem, no entanto, que as instituições criem as condições para ganhar um sentido estratégico que, em certa medida, lhes tem faltado ou que, pelo menos em alguns países, tem estado ausente por força de um conjunto muito diversificado de factores. Sem querer analisar todos estes mesmos factores permitam-me que apenas refira os três factores que me parecem ser essenciais para reforçar este sentido estratégico das instituições. Em primeiro lugar, a importância que deve ser atribuída ao reforço das lideranças dentro das instituições. O segundo, o papel determinante da avaliação, da acreditação e da “accountability” internas e externas a que as instituições se devem submeter; e a terceira, a forma como se preparam e tomam as decisões ao nível dos diversos órgãos que constituem o modelo de governo institucional de cada Universidade.

Trata-se aparentemente de uma matéria menos relacionada com o sentido e o clima de inovação e mudança, mas a que atribuímos a maior relevância dado o papel que as

Universidades devem assumir na Sociedade do conhecimento, como instrumentos privilegiados para a consolidação de uma dinâmica assente nos saberes, nas tecnologias, na iniciativa e na responsabilização dos indivíduos e das organizações.

4 –UM SISTEMA CIENTÍFICO DE QUALIDADE

Embora já tenhamos reforçado anteriormente a ideia de que a Ciência desempenha um papel essencial no desenvolvimento e na consolidação de uma Cultura de Inovação não queremos deixar de reforçar a ideia de que o desenvolvimento de um sector, de um mercado ou de um espaço económico assente na Inovação pressupõe, para além de uma formação de base sólida dos cidadãos, de um conjunto de instrumentos que possibilitem e incentivem a formação ao longo da vida e de uma Universidade virada para a qualidade e com um sentido estratégico rumo a objectivos bem definidos, que os Sistemas Científicos Nacionais estejam organizados e devidamente estruturados. Organizados tendo em conta os objectivos, as prioridades e o papel que cada unidade deve desempenhar no todo do Sistema Científico e estruturados de forma a que a avaliação da qualidade, a recompensa do mérito, e os incentivos à excelência sejam os factores essenciais com base nos quais o sistema se desenvolve e funciona.

Os Centros de Inovação e Desenvolvimento, autónomos ou integrados em unidades mais vastas de pesquisa e desenvolvimento, constituem em cada país e em cada sector de actividade estruturas essenciais que na sua relação com o mundo empresarial têm ou devem ter capacidade para produzir e disseminar novas técnicas, novos procedimentos, novos produtos e novos sistemas de organização e gestão.

Refira-se, no entanto, que estes centros de Inovação e Desenvolvimento assumem dois papéis essenciais. O primeiro, tem a ver com as aplicações e o desenvolvimento de novas técnicas e novas tecnologias a partir do conhecimento científico desenvolvido no interior do sistema Científico; e o segundo, relaciona-se com a cooperação e a interligação das unidades de investigação com as actividades do sector empresarial. Uma e outra constituem actividades complementares para as quais se exigem financiamentos cuja origem pode partir do Estado ou de Empresas de Capital de Risco no caso específico do desenvolvimento de novas tecnologias ou na criação de unidades empresariais inovadoras nascidas do interior das próprias Unidades de Investigação.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Antes de terminar gostaria ainda de fazer um pequeno apelo relativo ao papel que a Comunicação Social pode ter, ou melhor que deve ter neste contexto de mudança e na construção de uma sociedade mais inovadora e onde o conhecimento, os saberes e a qualificação das pessoas são os factores essenciais em que assenta o modelo de desenvolvimento.

Sublinho este papel porque os meios de comunicação, e em particular os operadores de televisão, dispõem de um instrumento cujo impacto na maioria da população é

muito relevante e que nessa perspectiva podem prestar um serviço inestimável nas diferentes áreas de divulgação científica e, sobretudo, na criação de um clima cultural onde se desenvolvam o gosto de aprender e o prazer da leitura a par de atitudes e comportamentos que favoreçam a responsabilidade individual, o gosto pelo risco, a excelência, o sentido do rigor e o espírito de iniciativa.

Não se pretende apelar para que os meios de comunicação social se tornem instrumentos ao serviço da educação e da formação, até porque sabemos que as regras do mercado não funcionam nesse sentido, mas pelo menos que estas poderosas estruturas das sociedades modernas não sejam instrumentos exactamente ao serviço dos valores contrários àqueles que todos nós pensamos deverem ser os que caracterizam uma Sociedade do Conhecimento e dos Valores que queremos ajudar a construir.

Muito Obrigado